

QUINTA-FEIRA
Lisboa--21 de Janeiro de 1932

5. OS TÓES

6.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

296



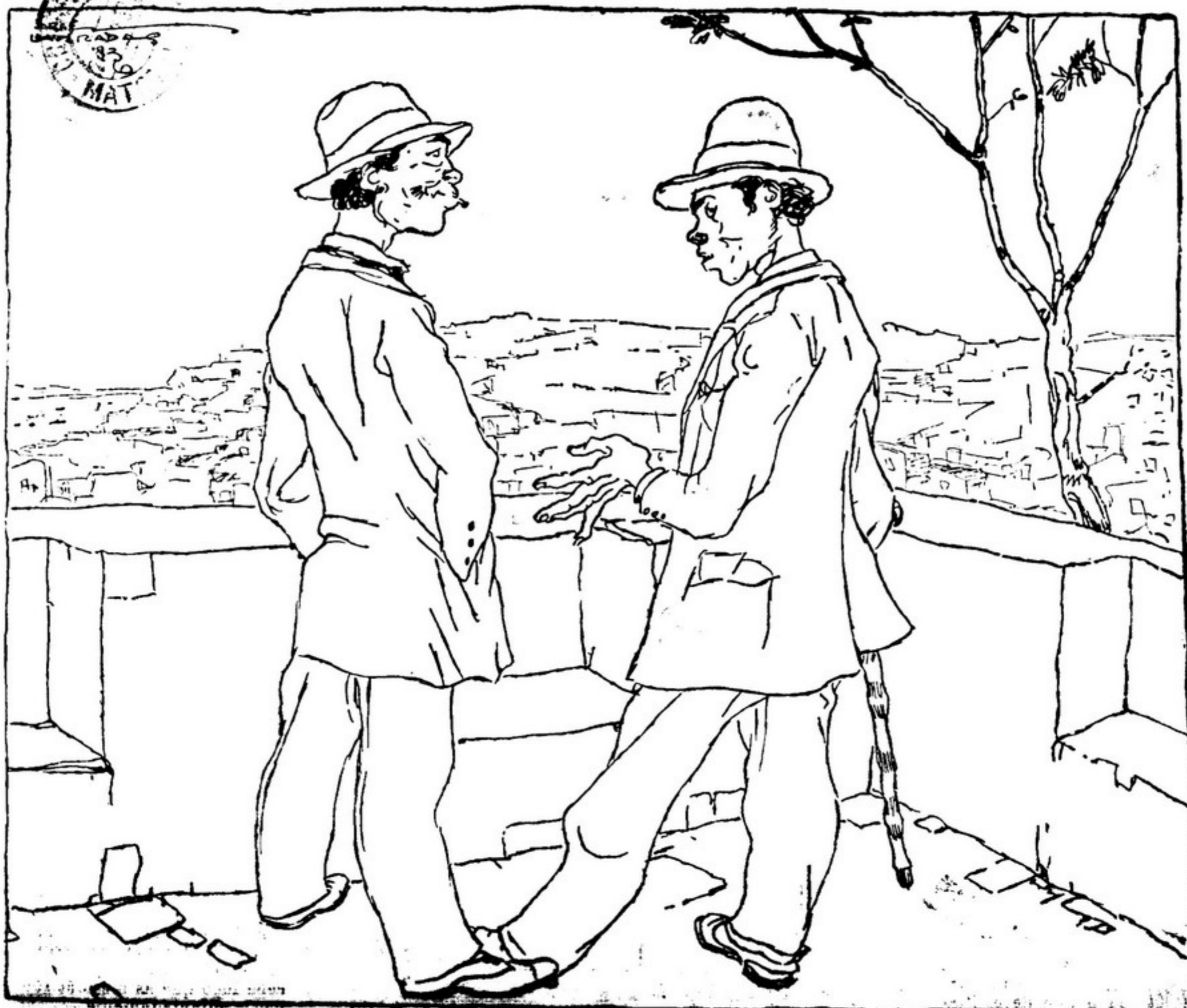
sempre
fixe semanario
humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57

OS ARTISTAS CREADORES



— No meu poema de imagens elevadas não tenho para a essência terminando com uma finalidade que se resume numa elevação sempre crescente e ascensional.
— Homem! isso não é um poema é um ascensôr...



Os ditos da semana



Andorinhas Chegaram as primeiras andorinhas à aldeia de Campeã. Só por isso ficaram elas sendo as carapeãs deste ano.

O «Diário de Notícias» e o papá «Diário de Lisboa», admiraram-se delas virem tão cedo, quando ainda por cá se bate o queixo com frio; mas não se lembraram de que as andorinhas, não percebendo nada de almanques nem de estações do ano, sabem todavia bastante de meteorologia.

Bem se importam elas que a gente chame inverno à quadra que vai passando. Elas veem porque acham aqui mais quentinho. E enquanto nos andamos atalhados de lá, com o *cachecol* até a ponta do nariz, começam elas o seu veraneio, vindo a banhos para a Costa do Sol, como qualquer burguez reacionário que se preza e aos seus escudos.

Só nos que andamos a fingir de reis da criação é que medimos o frio e os hábitos pelo Borda d'Água, em obediência às fórmulas.

Quem nos dera a nós ser andorinha para andar para dentro e para fóra, conforme soprassem os ventos, sem sequer ter que pagar uma passagem de primeira classe nos caminhos de ferro.

Andorinhas emigrantes! Para nós, quando emigramos raramente há uma aragem que nos torne a ser ao ninho.

Mais um Dito e mais um destaque. Desta vez foi na lota do peixe da Ribeira Nova.

Uns matulões que não se sentiam com coragem para embarcar e ir à pesca, pescavam ali na Ribeira Nova, a seguro de todas as tempestades marítimas e, de caminho, levaram no bote a Sociedade de Pescarias Trevo, que, pelos modos, nem pelo nome se salvou, talvez porque o Trevo não era de quatro folhas.

A manigancia era bem feita, mas como não há pouca vergonha por mais bem destacada que seja, que não venha a descobrir-se, lá foram na rede os pescadores de água doce, deixando-se apanhar como estúpidos carapaus, o que não admira se, como é de crer, eram capitaneados pelo Trouxa. Tudo Trouxas...

Dividas A Alemanha não paga o que deve. Não paga e declara-o honradamente. A Alemanha não engana ninguém. Bem podia ela fazer como nós outros, pobres

particulares pelintrás, que trazemos sempre na boca um sorriso para o primeiro credor que apareça e uma desculpa para o contentar:

— Tenha paciência; na primeira oportunidade lá irei pagar.

A gente sabe que deve e não nega a dívida. Muitas vezes não se paga, mas também não se tira as esperanças a ninguém. Não se nega, porque negando, o credor chama nos caloteiro e ladrão. Mas isto é cá entre os miseros mortais particulares que tem uma moral estúpida e doentia e desconhecem a maneira sincera mas honrada de faltar a compromissos. As potencias, porém, tem outras potencias.

Uma alegria Encontramos há dias um amigo nosso contentíssimo. Todo ele respirava alegria comunicativa. Via-se bem que, se não lhe tinha saído a sorte grande, tinha tido pelo menos uma grande satisfação. Ganhara uma demanda, ou fóra promovido, pensamos nós.

Nada disso. O nosso amigo explicou. Há mais dum mez que andava num desasocego e numa luta íntima, com receio de perder um amigo — amigo que ele não sabia qual era, mas amigo que estava condenado a perder fatalmente.

Adocera-lhe a sogra, e ele que era amigo da sua sogra, apesar de todo o mal que delas se diz, lê-la observar por

dois medicos amigos, cada um por sua vez. O primeiro foi de opinião de que a bondosa senhora tinha uma cirrose no figado. Opinou o segundo que sofria de calculos nos rins.

Qualquer das doenças era grave mas o peor era os medicos não estarem de acordo, porque no dia em que ela fosse operada, no dia em que ele se decidisse pelo diagnostico de um deles, perderia fatalmente a amizade do outro. Isso custava-lhe muito, porque ele era verdadeiro amigo de ambos.

Nesta altura da narrativa, cheios de curiosidade, inquirimos:

— E então?

— Então, está tudo resolvido. Fez-se hoje uma radiografia, e verificou-se que a minha sogra tem as duas coisas — uma cirrose no figado e calculos nos rins. Aqui está porque eu estou contente. Não perco nenhum dos amigos!

Pudor catalão Um Telegrama de Barcelona conta-nos o seguinte:

BARCELONA, 14.— A Escola Nacional de Professoras da «Generalidad» enviou um protesto ao Centro Cultural, por motivo das alunas terem de ir ás aulas de ginastica semi-núas, facto que tem servido de pretexto a varias campanhas.— (United Press).

Então as professoras da «Generalidad» são tão pudibundas que pretendem que as alunas vão ás aulas de ginastica mais vestidas do que andam na rua? Ou em Barcelona as mulheres não se vestem á moda como em qualquer outra parte no mundo civilizado?

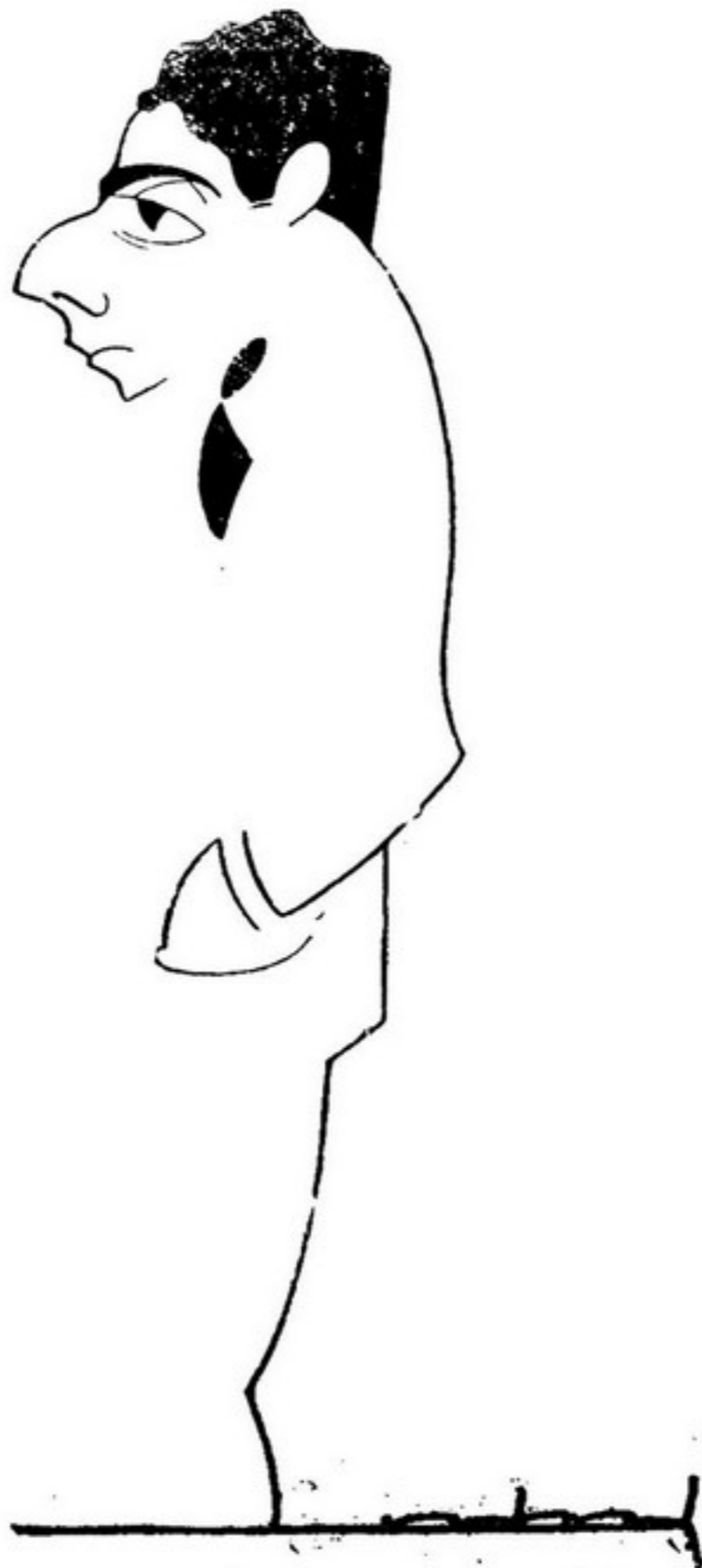
Expediente Não tem. Como jornal serio que é, não vive de expedientes. Em todo o caso cobra as assinaturas á razão de:

Continente e ilhas...	Ano:	26\$00
	Semestre:	13\$00
	Trimestre:	6\$50
Colonias portuguesas...	Semestre:	15\$00
	Ano:	30\$00
Estrangeira.....	Ano:	34\$00

N. B. — O nosso jornal não tem cobrador para as assinaturas. O leitor inteligente percebe logo que as mesmas são pagas voluntariamente.

Anuncios Isto agora, é, por tabela.

Dr. Norberto Lopes

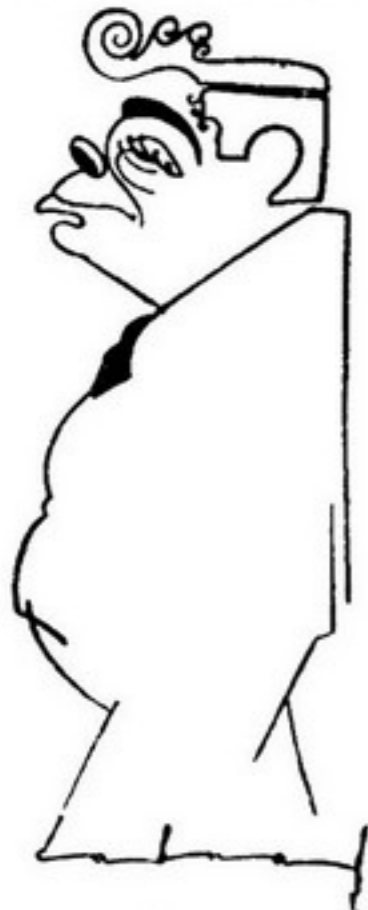


O viva, apaixonado e violento jornalista, chefe do Gabinete de Imprensa de Lisboa, o jornalista conhecido de todos os países lusos, a Espanha, a Africa, a India, as Filipinas, as Indias Orientales, a Guinéa e da T. E. F. que se apresenta como Norberto Lopes mas que é de facto e de direito Adolfo Norberto Lopes.

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

Nobre Martins



O sempre moço velho rapaz do nosso tempo antigo desta manhã e do tempo do sr. D. Luiz, a alegre aido: teatros transmitida através as notícias sempre frescas que toda a gente já sabia desde o tempo de D. Maria II e de D. Maria Matos, é das notícias que parecem inventadas e afinal se confirmam. Um bom rapaz menineiro, cara direita, cara unhaca, um verdadeiro cara metade da nossa redacção.

COMO as coisas são!

O Vasco Santana, o nosso Vasco, tinha por habito recitar em todas as festas artisticas a parodia ao *Melro*.

O publico fartou-se e acabou por protestar, e tanto protestou que o Vasco deixou de dizer o *Melro*.

No ultimo domingo houve, no teatro Maria Vitoria, a festa artistica do Rosa Mateus e o Vasco Santana não teve coragem para fazer o *Melro* e, muito naturalmente, recitou uma poesia brasileira que, na sua opinião e na opinião autorizada do autor e illustre poeta, se chama *Kremesse*.

Foi muito apiaudido, mas o publico não ficou contente, e teve, por fim, que recitar o *Melro*.

Vão lá entender o respeitavel publico!

NO teatro Maria Vitoria vai estrear-se brevemente uma nova revista, interpretada por uma nova companhia.

A revista intitula-se *Pim-Pam-Pum*.

Como agora é moda, vamos lá vêr se também a pretendem deltar abaixo, mesmo sendo boal

A nova revista que vai estrear-

se no teatro Capitolio chama-se *Lua de Mel*.

Esperamos que seja duradoura!...

ESTER Leão estreou-se como escritora teatral.

A peça foi é cêna na noite da sua festa artistica e chama-se *Na Sombra*.

De facto, não podia ter ficado sempre na sombra.

OS jornais veem anunciando há já bastante tempo na secção teatral, que a actriz C. B. foi contratada para o teatro tal.

Hoje é para um teatro que vai a C. B. A'manhã é para outro, mas nunca se efectua a estreia.

Agora mais uma vez o *Diario de Lisboa* noticia novo contrato da actriz respectiva, para o teatro Maria Vitoria.

Vamos a vêr se será desta.

RECORTAMOS do papá *Diario de Lisboa*:

«Dois conhecidos emprezarios estudam a possibilidade da organização de uma companhia para

uma futura *lournée* à nossa Africa.»

Não teem nada que estudar! E' fazerem o mesmo que fez a Hortense Luz e pronto. Se vão a estudar muito, não se faz o negocio.

NA festa de Ester Leão. No fim da peça houve chamadas especiais a todos os artistas.

Alguns espectadores chamavam pelo Abillo, mas, na confusão de vozes, só se percebia bem *bi bi*.

Comentario dum espectador: —Bis, bis?! Então querem ouvir de novo a peça?...

PARTE brevemente para a provincia uma simpatica organização, que leva, entre outras, uma peça de Gabriel d'Annunzio e outra de Bernard Shaw.

Estamos a vêr que, quem quizer vêr bom teatro, tem que ir à provincia...

DO nosso *Diario de Lisboa*:

«Da companhia José Climaco, ficou no Brasil o actor Adolfo Sam-

paio, que vai dedicar-se à industria no Rio de Janeiro.»

Consta-nos que a industria é a venda de galinhas e ovos.

Ora o Adolfo Sampaio! Talvez que, com um negocio de galinhas, ele perca a galinha com que tom andado...

OUTRA do *Diario de Lisboa*:

«Confirmando o que dissemos ha tempos, sabe-se que, depois do Carnaval, se dará uma grande transformação nos actuais negocios teatrais.»

Transformação, depois do Carnaval, nos negocios?

A unica transformação que deve haver nos negocios, depois do Carnaval — é desmascararem-se...

A reparação de Palmira Bastos converteu-se numa apoteose!

Tudo conspirou para uma inolvidavel consagração: a peça, o publico e, sobretudo, a homenageada.

Uma grande compensação moral e material!

JA' se vendem nas ruas as coplas de — *Teodorio não vás ao sonoro*.

Será piada a *Um Bragança*?

O publico inventa cada uma! Sabem os que não sabem como apodam agora o teatro Avenida, que está fazendo uma curiosa reprise das operetas do velho tempo?

O tumulto de Tut-Ank-Hamon!

AFINAL, quem vai estrear o teatro Rivoli, do Porto, é a companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro.

Como o teatro foi muito disputado, é caso para dizer: *guardado está o bocado para quem o ha de comer!*...

NA revista *O Mexilhão*, em cêna no Variedades, ha um numero intitulado *Matelots*.

Não encontraram palavra equivalente em português?

Com certeza!
E' tão difficil de traduzir...

REPRESENTAM-SE agora duas peças portuguesas que tiveram de ser traduzidas do francez: *Na Sombra* e *Alta Comedia*.

E digam depois que o nosso teatro não é conhecido lá fóra!

O HOMEM DE TODAS AS HORAS

Dr. Luiz Queriol Macieira



A elegancia e a sciencia de mãos dadas. Brummel a tratar de ouvidos, narizes e gargantas.

Ingratidão

Quando viajo de comboio costumo entregar-me a um trabalhinho psicologico deveras interessante. Mas, daquela vez, por mais que eu estudasse o meu companheiro de viagem, não chegava à conclusão de que seria caixeiro viajante ou banqueiro falido.

O que notei foi o seu dessasociego. Esfregava com toda a força o olho direito, depois o esquerdo, depois os dois ao mesmo tempo.

— Que diabo terá ele? — perguntava eu aos meus botões bamboleantes e indiferentes.

Mas, a certa altura, desatou a rogar promessas tão futuristas que a minha pudibunda caneta se recusa a escrevê-las.

Depois pegou nas palpebras e desatou a esticá-las o mais que ponde, fazendo com o resto da cara as mais espantosas caretas.

Achei que a minha integridade fisica não estava em grande segurança: tinha na minha frente um doido furioso!

E puz-me a apertar no bolso das calças a minha inseparável *browning* descarregada.

Mas convenci-me de que não seria necessario recorrer aos extremos. O cavalheiro até me deitava varias olhadelas, como que a vê se eu lhe dava coragem para se me dirigir.

E pensei: — E' um massador. Todos aqueles manejos foram apenas para chamar a minha atenção.

Entreei-me no meu canto mas o homem não me deixou socegado:

— O senhor desculpe...

Ora eu tenho um principio — um principio a que estou muito agarrado porque não tenho mais nenhum — não falar com as pessoas que viajam comigo.

Portanto, diz de conta que não ouvi, mas o cavalheiro não desistiu:

— Peço-lhe um grande favor. Não deixe de me atender...

Olhei-o desconfiado. Cheguei-me mais para o canto.

— Seja compassivo... Tire-me um carvãozinho que me entrou para este olho.

A gente não deve fazer conversa em comboios, mas não pode deixar de ter coração.

— Ponha uma chave nas costas! — aconselhei, mal humorado.

— Não; isso é para o sangue do nariz. Para um argueiro, o remedio é assoprar no olho.

E ficou à espera.

— Assopre-me aqui no olho, peço-lhe!

O meu principio insurgiu-se.

— O senhor julga que eu ando assim a assoprar no olho de toda a gente?

E disse isto num tom tão perentorio que o desconhecido não insistiu. Desatou a fazer comicos esforços para se assoprar a ele proprio. Depois iniciou uma outra serie de cacofonicas pragas, o que tambem não adiantou grande coisa.

E o sofrimento do homensinho tornou-se então intoleravel — para ele e para mim, que vejo sempre o argueiro no olho do visinho.

— Peço-lhe mais uma vez: assopre-me no olho uma vez, só um pequenino assopro, e tudo que tenho lhe pertence.

Mas permaneci fiel ao meu principio, o que não é para desprezar, pois o homem possuia, além do resto, uma esplendida *valise* em pele de porco que me faria um geitão.

Deitou-se então aos meus pés:

— Assopre-me no olho e juro-lhe que o seu nome figurará nas minhas rezas até ao fim dos meus dias. Mas assopre-me no olho, que eu já não posso mais!

O meu principio, que já estava cambaleante, com esta promessa foi-se abaixo das pernas.

Agarrei na cara do homem e, visando bem, dei-lhe um assopro tremendo, capaz de fazer sair o olho pelo outro lado da cabeça.

— Aqui está o carvãozinho!

E mostrei-lhe o corpo estranho que acabara de desalojar.

Depois disto, — não é? — esperava uma catadupa de agradecimentos, efusões de gratidão, apertos de mão entusiasticos, etc.

Pois nada disso. Como o comboio ia a entrar numa estação, agarrou na magnifica *valise* de pele de porco e dispôs-se a sair. Mas, antes de o fazer, voltou-se para mim e bradou, iracundo:

— Fique sabendo que é um *grandecissimo* incorrecto. Uma pessoa que come alho não deve assoprar no olho de ninguém!

DR. DAQUEDACOLA.



— Espere, não leve a escada. Ainda tenho cá mais três filhos...

A cara-metade do Maldonado

Maldonado — eu conhecia-o — era um desses jogadores de bisca que tomam a peito a marcha do jogo, que se arrepejam, que escancararam a boca, não se ensaiando nada em amachucar os colarinhos ao parceiro que tenha a infelicidade de estar colocado junto dele.

Era raro o dia em que o pugilismo não entrava em acção, resultando daí frequentes visitas ao Hospital de S. José.

O espirito de Maldonado não conhecia calma: era irascivel. Só quando regressava a casa todo o seu mal-estar desaparecia como por encanto. E porquê? Sua mulher, dotada de um fisico pouco tranquilizador, não admitia observações, nem maus figados. Muitas vezes o acarinhava com uma respeitavel chibata que costumava trazer pendurada da cintura: por este motivo, o nosso amigo Maldonado, assim que via no alto da escada o vulto esbeto da sua cara metade, desfazia-se em sorrisos e esquecia por completo os azares do jogo.

Mas, um dia, o Maldonado, mais mal disposto do que nunca, regressou a casa, maldizendo a perda de quinze tostões, dinheiro que tinha guardado para compra, uma onça de *francês*. Sua esposa, vendo-o chegar tão irritado, tratou de lhe aplicar o costumado calmante, mas Maldonado, nesse dia, pouco disposto a servir de *jazz-band*, enfureceu-se, descarregando sobre a sua amavel consorte toda a sua colera com alguns *directos* energicos.

Briolanja — assim se chama a doce companheira de Maldonado — endireitou-se, pondo o peito em alvo, deixou o amavel esposo desencadear toda a ira, permanecendo imóvel e esboçando, ao mesmo tempo, um sorriso de triunfo.

O nosso homem, exausto, olha a mulher, admirado de a não ter derrubado e ao mesmo tempo avaliando a médio a sua construção de ferro.

Fez-se silencio. Briolanja perguntou:

— Já me sacudiste bem o pó?

— Estou satisfeito e muito fatigado.

— Pois bem — disse ela, arregalando as mangas — agora chegou a minha vez.

Não lhes digo mais nada. Foi quasi um segundo terramoto de 1755. O nosso Maldonado, quando á noite chegou ao club, nem parecia o mesmo: a cara inchada, os olhos negros e o nariz parecendo uma beringela.

Alguns amigos, vendo-o entrar naquele estado, perguntaram-lhe:

— Foste, hoje, jogar o *rugby*?

— Não, meus amigos, não pratiquei jogos tão violentos.

— ???

— Joguel em casa uma amavel partida de bisca com minha dedicada esposa...

B. LOURENÇO.

Graça dos outros

A estrela de cinema: — Meu filho, este senhor é o teu novo papá!

O miúdo, conforme: — Fazia-me o favor de escrever alguma coisa neste album, que tem autografos de todos os papás que tenho tido...

Entre amigos: — Como conseguiste arranjar uma péra tão bonita? — Muito simples!... Bebendo leite de cabra!...

Incompatibilidades... — Não vale a pena chorar porque o seu marido perdeu o emprego, D. Engracia! — E' terrivel! Agora ficou apenas com cinco...

No restaurant: O freguês: — Ouve lá, rapaz! porque me cobras catorze mil réis, se a conta é apenas de treze? O criado: — Julgava que o senhor era supersticioso...

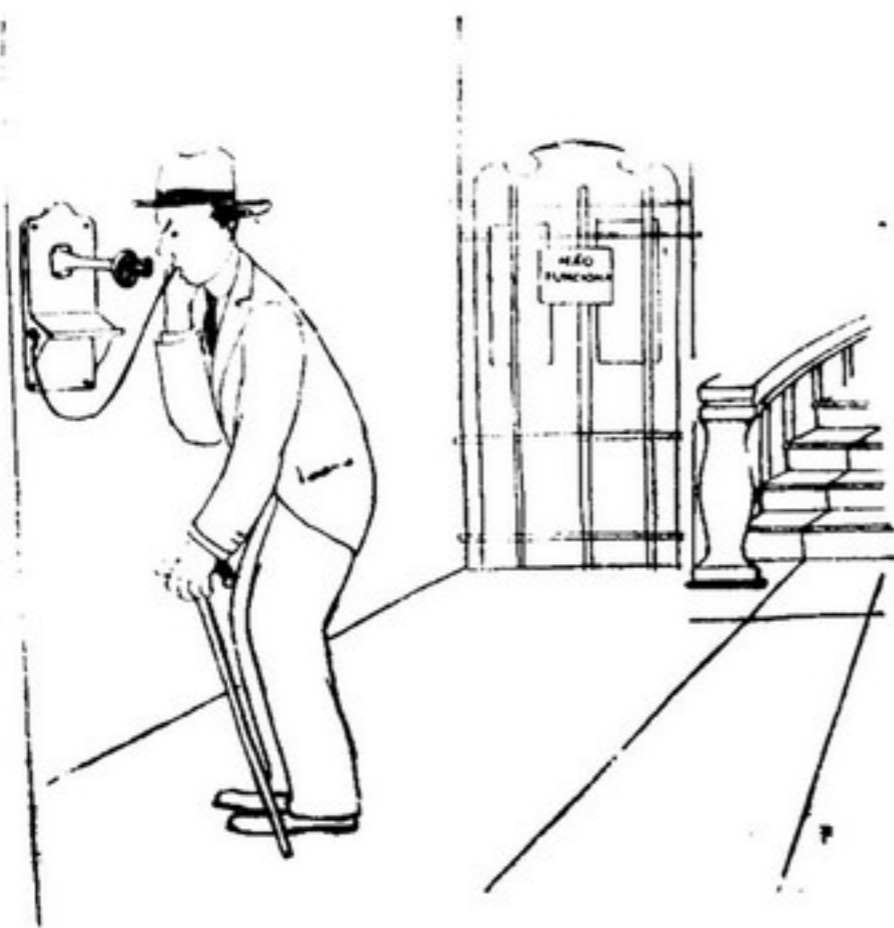
No tribunal: O juiz: — Porque razão, tendo já roubado a caixa com as joias, assassinou depois a dona? O réu: — Porque queria abri-la. Na caixa estava escrito: «Abrir depois da minha morte».

Numa oficina de reparações de automoveis: — O conde de Alcabideche disse-me que teve um automovel durante cinco anos, com o qual nunca gastou dinheiro em reparações! — Pudera!... Era eu que lho concertava... e ainda estou a arder...

O mendigo, estendendo o chapéu: — Dá-me uma esmolinha? A dama generosa: — Só levo uma nota de quinhentos mil réis! O mendigo: — Não faz mal! O meu chapéu é bastante grande...

O domador: — Tenho um numero excepcional! Um leão que vive com uma ovelha, em perfeita harmonia! O colega: — E quanto te custa isso? O domador: — Uma ovelha por dia!...

Inconvenientes das casas altas



— E's tu, Alfredo? Os elevadores não funcionam. Tenho que ir subindo a tua casa pela escada. Até logo á noite.



— Então o senhor deve dar dois mil contos e quer casar com minha filha, que tem um dote de mil contos? — Sim, crelo que é a unica forma de pagar a primeira prestação...



-- Não, Aprigio! Só poderemos ser como irmãos.

A pouca sorte do Evaristo Leitão

Antes mesmo de casar, essa preocupação o assaltou; mas foi só depois do casamento realizado e de passada a lua de mel (vários dias risinhos e felizes que o patrão amavelmente lhe tinha concedido, que ela -- a tal preocupação -- o tomou por completo. A coisa era esta: o patrão do Evaristo tinha por uso e costume convidar para jantar em sua casa todos os seus empregados recém-casados, que deviam fazer-se acompanhar pelas respectivas esposas. Se a esposa tinha o merito de agradar ao Simões -- tal era o nome do patrão -- já o empregado sabia que dentro de pouco tempo o seu ordenado seria aumentado; se a esposa era feia, ou bonita mas suficientemente honesta para guardar fidelidade ao marido, já este sabia que dentro em pouco iria aumentar o exercito dos desempregados.

Evaristo Leitão tinha, pois, fortes razões para ficar apreensivo, logo após o casamento; e mais apreensivo ainda ficou quando o patrão Simões, no primeiro sábado depois da sua volta ao serviço, lhe disse:

-- Evaristo, você e sua mulher vão amanhã jantar a minha casa. Entendido? Quero conhecer as esposas dos meus melhores empregados...

Evaristo não podia recusar o convite, sob pena de ser imediatamente posto na rua; também não queria levar a mulher a casa do patrão, porque sempre seria arriscado pôr a estopa ao pé do lume... Não que a mulher não fosse duma honestidade fóra de todas as duvidas; já estavam casados havia dezoito dias e ainda se amavam como no primeiro instante... Mas Leopoldina era bonita; mais que bonita, vistosa; mais que vistosa, provocante... E também não poderia comparecer sózinha, dizendo que a mulher não tinha querido ou não tinha podido acompanhá-lo, porque a desculpa seria bastante calva, e o resultado seria para ele, Evaristo, fatal...

Foi então que o Evaristo teve uma ideia luminosa. Foi ao Conde Redondo, bateu á porta da Etelvina, que o recebeu com grandes manifestações de júbilo, ainda em *deshabillé* (eram apenas quatro horas da tarde) e disse-lhe pouco mais ou menos isto:

-- Cabei ha poucos dias. O meu patrão convidou-me para ir jantar amanhã em sua casa, mais minha mulher. Ora, minha mulher está um bocado adoentada...

-- Deseste! -- interrompeu Etelvina, piscando um olho maroto de mulher experiente.

-- Enfim -- prosseguiu Evaristo

-- eu queria pedir-te o favor de me acompanhares, como se fosses minha mulher... para não ser desagradavel ao meu patrão... E' tão disposto! E' só pelo tempo que durar o jantar...

-- Não ponhas mais na carta -- respondeu Etelvina sem uma hesitação -- Fica. Foi tua amiga seis meses, posso muito bem fazer o papel de tua mulher durante um jantar. E' tal qual como se estivesse no teatro...

Etelvina era uma destas almas generosas, incarnadas em corpos não menos generosos, que nada sabem recusar a pessoas de categoria, ou pelas quais conservam um certo *béguin*, e por isso Evaristo podia contar invariavelmente com ela.

No domingo, lá foram ao jantar. Etelvina, fazendo um enorme esforço sobre si propria, conseguiu não falar colão durante todo o tempo em que estiveram juntos. Mostrou que sabia comer sem ser com os dedos e tornou-se gentil sem se trair aos olhos de Simões. De tal arte se portou, numa palavra, que o Simões, á saída, sem que o Evaristo d'esse por tal, a convidou para ir no dia seguinte jantar com ele, mas só.

Na terça-feira, de manhã, com grande espanto, pois Evaristo estava absolutamente satisfeito com o resultado do seu expediente, convencido de que o patrão não achara qualquer especie de interesse na sua mulher, o secretario do Simões foi preveni-lo de que, a partir daquele mesmo dia, os seus serviços estavam dispensados. Ainda atordoado pelo choque que recebera em plena nuca, Evaristo correu a casa de Etelvina para saber o que se havia passado.

-- Imagina tu que o malandro me convidou para ir sózinha jantar com ele! -- explicou-lhe a rapariga, cheia de exaltação, revoltada na sua honestidade pelo procedimento do Simões. Eu fui, para ver o que o tipo queria; mas, é claro, não te disse nada para não te aborrecer, visto que eu ia como tua mulher... Pois o gajo não se atreveu a convidar-me para passar a noite em casa dele? E' claro que, se fosse eu, Etelvina, quem all estivesse, não me fazia rogada; mas eu estava ali como tua mulher, tinha que respeitar o teu nome, e não te digo nada... Zumba! Atirei-lhe uma galbete para os queixos, que até o virei!

-- Ora bolas! -- voltou o Evaristo, irritado tanto com Etelvina como consigo proprio. -- Para isto, antes eu tivesse levado minha mulher!

(Adaptado do francês).

MYSELF.

Elevador da Gloria

Ela, já durazia: -- Cautela! Olhe que o seu cão preiende morder-me!

O dono do bicho: -- Não receie, minha senhora, ele só gosta de carne tenra...

O João: -- Porque tens três pares de ceulos, papá?

Ele: -- Um é para ver ao longe, outro para ver ao perto e o terceiro para procurar os outros dois...

Ela: -- Como viverias sem mim?

Ele: -- Muito mais barato, filha!

Entre amigos:

Joaquina: -- Eramos três irmãs. Duas bonitas e uma feia.

Amelia: -- E o que é feito dessas duas belas?

Na vitrine da farmacia:

Ela: -- Deviamos comprar um destes termómetros!

Ele: -- Estas deida! E' melhor comprá-lo no mês de agosto, que estão os tubos mais cheios de mercúrio...

No restaurant:

Ela: -- Mais champagne? Mas tu já estás que estou cheio de notas?

Ele: -- Oxalá assim fosse... para te poder trocar...

Ela: -- Não, ei como pudeste beijar a Antonia?

Ele: -- Aproximaste o verést...

O moço: -- Não se assuste! O que parecia ter o mesmo que o senhor tem e ainda aqui estou fresco como uma alface!

O doutor: -- Que medico é que o tratou, sr. doutor?...

Entre artistas:

-- Viste, na ultima exposiçáo, o quadro do Dias? E' assombroso!

-- E o que tem para ser assombroso?

-- Um cartáo na moldura que diz: "Vendido"...

-- Este homem conta a toda a gente que é mudo!

-- Deve ser doído!

-- Não! Se é verdadeiramente mudo, não faz mal que ele o diga!

Ela: -- O Tomaz disse-me que podia passar três dias sem comer!

Ele: -- E tu que lhe fizeste?

Ela: -- Pu-lo a andar!...



-- O teu amigo, o mudo, disse-me que me pagava hoje.
-- O quê? Disse? Não acredito.
-- Porquê?
-- Porque não tem palavra...



-- Diga-me: é verdade o que diz meu pai, que o senhor se penteia com uma navalha?

Instituto de Beleza

(uma ra' a la mode)

A acção passa-se no instituto de beleza de Madama Bernardina...

HOMEM (de nariz muito grande, entra precipitadamente e dirige-se a Madama Bernardina): -- Abaixa-me, minha senhora, abaixa-me!

BERNARDINA: -- Mas o que quer o senhor que eu lhe abaixe?

HOMEM: -- Pois não vê, minha senhora, este nariz, tão grande, tão arrebitado?

BERNARDINA (preparando no nariz): -- E' muito difficil dar beleza aos narizes defeituosos. Contudo, podemos experimentar as massagens. O pior é se, com as massagens, ele pingar...

HOMEM: -- Isso, sim! Ele está sempre enxuto. Basta dizer-lhe que quando molho os pés, o nariz só se constipa quinze dias á pois!

BERNARDINA: -- Isso é uma vantagem. E ainda tem outra: como se trata de um nariz tão grande, não o pode meter onde não é chamado!

HOMEM: -- Ora essa! Já me mandaram meter numa prensa!

BERNARDINA: -- Bem se.. E' uma massagem mais violenta, e ás vezes dá um certo resultado.

HOMEM: -- Não, não! Prefiro metê-lo nas suas mãos!

BERNARDINA: -- Pois quando quizer principiar com o tratamento, estou ao seu dispôr. E é convicção minha que o hei de ataxar.

HOMEM: -- Deus a oia! Isto tem sido para mim um verdadeiro martirio! Olhe, o meu filho, por exemplo, também é defeituoso. Tem uma cabeça enorme (fazendo o sinal de uma grande circumferencia): assim!

BERNARDINA (com espanto): -- Oh!

HOMEM: -- E' verdade! Imagine a senhora quando ele tiver dôres de cabeça!...

BERNARDINA: -- Com certeza que não ha chapeu que lhe sirva!

HOMEM: -- Pois não ha!

BERNARDINA: -- Pobre rapaz! Mas, se não ha chapeu que lhe sirva, como é que o senhor evita que lhe não dê o sol?

HOMEM: -- Muito simplesmente: ponho na cabeça do petif quatro palitos e um toldo!

CARLOS FERNANDES.

Sacharolete

Depois de quatro mandchú, que assustou a humanidade, fazendo prever o perigo de nova calamidade, vem o chanceler alemão, de forma desassomburada, declarar que o seu país não pode pagar nada nada.

Enquanto Cantão cantou e discutiu com Nanquim, as tropas dos japoneses marcharam sobre Pequim. E, segundo agora afirma, o Marechal Tsu-Chang-Li não está na ideia deles ficarem por ali.

E, re as alemães não pagam, haverá abutem que segure os franceses desejosos de recobrem o Ruhr? Se a situação não mudasse, eu não me admiraria de ver os nossos gauleses mais uma vez na Baixa.

O HOMEM DOS TIMBALES

Numa vila do Ribatejo, o prior da igreja matriz, no final duma predica aos seus parquianos:

«Ei vos garanto que as almas que só queiram levar prazeres deste mundo hão de ir parar ao inferno, com os dentes a ranger.»

Ouvi um padre dizer
Que ao inferno irão parar
«Com os dentes a ranger»
As almas que só prazeres
Do mundo queiram levar.

Se acaso for existido,
No inferno aos concorrentes,
Entrarem com tal rangido
Perco dai o sentido,
... pois que lá não se dão dentes.

CARFLOPER.

Foi na Praia do Brasil
que em 25 de Abril
se deu a tragedia crua:
uma formosa donzela,
que namorava á janela
caiu da janela á rua.

Mas no céu vós ficai
teve azar tão verdadeiro
que aterrissou sobre o tólo,
caiu-lhe mesmo na pinha,
partiu-lhe em duas a espinha,
deitou-o feito um bolo.

Uma sopria bem boa,
gritando pela patroa,
debruçou-se... e catrapu,
E por ultima caricia
foi apanhar um pollela,
que morreu braços em cruz.

O padre, ouvindo o grito,
acode á janela aflito,
desequilibra-se e cai,
na queda desamparada
faz em pó, em cinza e nada
em peliz que a passar vai.

Com três filhinhos nos braços,
A janela, em poucos passos,
eis chega depois a mãe;
mas, quando chega, tropeço
e ele aí vai de cabeça
com os miúdos tambem.

Cai um gato do telhado,
foge um cão apatetado,
faz-se um silencio funéreo;
e nessa tarde tranquilla
vão dez esquifes em fila,
caminho do cemiterio...

ANTONIO AMARGO.

Sortes grandes ?

só o PINA as vende
75 - Rua de S. Paulo - 77

A solução do abade

Ha pessoas que encaram o casamento como uma obrigação, outras como um sport, outras ainda como uma tragedia, e por aí fóra, conforme o temperamento de cada um.

Numa aldeia do Norte, li para o Alto Minho, apresentou-se um dia para casar um casal todo apurado. Ele era lindo como os amôres, não desfazendo, e ele um cachopo ás direitas, todo cheio das canelas.

O abade da freguesia, homem peripetaz e entendido na materia, notou, ipso facto, naquele par o que se fô-se de extraordinario. Não foi preciso atentar muito nele para chegar ao apuro de que o noivo estava com uns copos a mais.

— Que diabo! Você não tem vergonha de se apresentar nesse estado deante do representante de Deus, para um acto destes, da maxima responsabilidade? Venha para outra occasião. Não posso, desta feita, uni-los pelo laço matrimonial.

Os noivos ouviram o raspanete e não tiveram outro remedio senão recolher cada qual a sua casa, aguardando melhor oportunidade para o efeito.

De facto, aqui para nós que ninguém nos cuve, não existe o direito de encetar o matrimonio assim tão levanamente, com uma caraspansa de se lhe tirar o chapéu.

Decorreram algumas horas sobre esta cena e, sem mais aquies, eremos que até nam dia santificamos na igreja, quando a affluencia era enorme e o bom do padre

não tinha, portanto, mãos a medir, surge pela abadia, em attitude cheia de prosa, o casal em questào. — Que detejavam casar. Era uma ideia antiga, produto de uns amôres optimamente correspondidos, e portanto não havia outro remedio. Ela queria. Ele queria tambem. Que se atreveria a fazer uma leve opposição a semelhante vontade?

O velho abade pôs-se a contemplar os dois apaixonados e, cheio de serviço, o templo pejado de beatas a tratar doutros assuntos, dispôs-se para a cerimonia.

Mas... Mas notou, acto continuo, que o raio do joven casadoiro estava mais uma vez embriagado, os olhos semi-cerrados, as faces rosadissimas e o equilibrio em falencia. Fez, então, mais uma exortação:

— Parece incrível! E' preciso ter muita pouca vergonha para se apresentar nesta casa — e pela segunda vez — nesse estado. Eu não posso; eu seria o mais impio dos mortais se vos casasse neste momento. Deus lançaria sobre mim o maior dos castigos, e com justiça. Não. Venham noutra occasião, e quando o noivo estiver em seu pleno juizo.

A rapariga, muito contristada, com os olhos marejados de lagrima, abeira-se, então, do abade e suplica-lhe, a meia voz:

— Peço-lhe pelas alminhas do purgatorio que nos faça a vontade, senhor abade. Este diabo — e designa o borracho do noivo — só se lembra de casar precisamente quando está bebado.

E o padre casou-os.

MAXIM.

Noticias do dia

O conflito sino-japonez

Novos "acessores" japonezes na Mandchuria

MUKDEN, 16. — O Japão nomeou mais «acessores» para a Mandchuria. Os «acessores» nomeados são para tomar conta da barra do rio Hu-pi-oh, fazendo-se assim o «acessoramento» da barra. — (United Press).

Mais «aces sores»

LISBOA, 7. — Descobriu-se que, além dos acessores nomeados pelos japoneses para varios cargos na China, outros ha sem serem do Japão. Trata-se dos «Açores», arquipelago português que habita no Oceano Atlantico e fica no caminho como quem vai para os Estados Unidos da America do Norte.

Do Paiz

O salvamento do veleiro Veloz

Um telegrama recebido de Cadiz diz ter chegado a este porto o veleiro português «Veloz», da Praça da Figueira. Deste veleiro só as velas se salvaram, mas não acendem por estar molhadas.

A crise do desemprego

No ano de 1931, o numero de desempregados em todo o mundo era de 10.937.426. De todos os países, o que maior numero teve, foi a America do Norte, pois só á sua parte eram 121.935.425.

Octogenario gravemente queimado

Recolheu ontem a uma enfermaria do Hospital de S. José o sr. Adriano Malquerença, que, adoeendo na sua residencia, foi queimado pelos raios ultra-violeta. Ha dez anos que este homem não era queimado, pelo que admirca toda a gente.

Fiscalização de generos alimenticios

Os fiscaes Adosindo Selo e Miguel Soia fiscalizaram ontem um bife e uma caldeirada pertencentes ao proprietario Costa Neira e acabaram-nos em tão bom estado que a comeram.

Automovel furtado

Queixou-se á policia o sr. Abraão Colaço, por lhe ter sido furtado, á porta da sua residencia, o automovel que circula com a matricula N. 769546327459, tendo sido preso por suspeita Antonio Pinho, o qual, sendo revistado, foi-lhe o mesmo automovel encontrado distribuido pelas varias salgueiras do fato. Falta apenas o tubo de escape, mas esse escapou, havendo no entanto esperanças de o rehavêr.

Do estrangeiro

Eleitos do temporal

NEW-YORK, 2. — Os termómetros tem baixado tanto nesta cidade que estes nos predios, só se encontram nos rez-do-chão e na casa do porteiro. Nos andares altos não se encontra nenhum.

Pagamento da divida externa mexicana

MEXICO, 10. — O Senado reprovou a proposta do pagamento da divida flutuante. Tem-se que, se o povo mexe, chicana haverá certamente.

Quereis dinheiro ?

Jogar no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA
Sempre sortes grandes

Marinheiros ingleses



— Vocês tem esquadra do Atlantico?
— Nós temos esquadra do Bairro Alto!

GRAFOLOGIA

J. A. MAGALHAES. — Você é um poeta de fina sensibilidade. Porque não experimenta e deixa de fazer versos? Talvez não fosse má ideia. Porque isto de fazer versos é só para as pessoas inteligentes. A avaliar pelos versos, você deve ser côxo ou ter, pelo menos, um pé quebrado, ou até mesmo os dois, porque a mim isso não me faz diferença nenhuma. Quere que lhe diga o que a sua letra me inspira? Devo dizer-lhe sinceramente que a sua letra, a mim, não me inspira nada. Pois ela não inspirou a você para fazer versos bem feitos, quanto mais a mim. Se quiser saber qualquer coisa de geito, escreva em prosa e não queira ser inteligente, porque isso não é para todos.

CARLOS MANOEL. — Porque escreveu a sua carta com imensos pontos de interrogação? A sua letra denuncia em si um homem meticuloso, um pouco franco. Ambicioso, mas incapaz de dar um passo para satisfazer essa ambição. Não aprecia o *foot-ball*. Almoça e janta todos os dias, exceto no nono, porque esse não existe. Nada mais diz a sua letra, porque você, felizmente, é dos tais que não tem letra.

TAURITA. — Com que então, todo proverbial. O que estão a todos trocados. Até dá vontade de lhe dizer: «Quem te manda a ti, sateteiro, tocar rabecão...» Os proverbios estão todos trocados. Se ganhar, foi de propósito. Mas, se for sem querer, isso indica logo que o seu caracter tem a mania de trocar tudo. Até é capaz de se trocar a você por outro. De resto, a sua letra pouco ou nada diz. É pareidissima com outras que já cá tem aparecido e, caso curioso, também de cartas vindas da Marinha Grande. No entanto devo dizer-lhe que a sua letra denuncia um ponto curioso: Você tem também o habito de almoçar e jantar e come muito. Continue almoçando e jantando, mas coma menos, porque já está a engordar demais.

M. E. H. M. F. da S. — «Não se admire da minha perspicacia em ter descoberto que se trata de um cavalheiro, embora assinie *Madame Harvy*, pois v. ex.^a revelou o seu sexo na resposta a *Nem mais nem menos*, inserta no ultimo numero do *Sempre Fico*»

Ora, já que descobriu que eu sou um homem, porque não descobre também o seu caracter. Mas devo dizer-lhe que se engana. Não sou homem. Antes fosse, que não fazia grafologia. Você não leu bem a resposta a *Nem mais nem menos*, porque decerto veria logo que eu sou mulher. Não pretenda ser mais inteligente do que aquilo que é. Conte-se com a sua estupidez. Sobre o seu caracter já nada lhe digo. Repito apenas: já que é tão esperto, não precisa de mim.

MADAME HARVY.

O amor



O barbeiro distraído: — Mal me quer, bem me quer, muito...

Chegaram os Inglezes!



— Quando chega uma esquadra, sinto-me logo Clara Bow.

DESSPORTOS

Espirito desportivo

O jornalismo desportivo de Espanha, apesar de ser uma coisa séria, conta belos humoristas.

Não é preciso mais. Veja-se o *A. B. C.*, de Madrid, e vê-se-ha como é optima a qualidade do humorismo espanhol.

Nesta secção não é a primeira vez que se tem feito algumas transcrições do bom-humor e graça espanhola dos jornalistas desportivos da vizinha nação. Os trechos transcritos, a avaliar pelas cartas que temos recebido, tem sido devidamente apreciados pelos nossos leitores.

A nossa prosa de hoje tende a demonstrar — conseguiremos um tal intento? — que a graça e o bom-humor não é exclusivo da raça dos espanhois.

O jornalismo desportivo de Portugal também possui os seus humoristas que, diga-se de passagem, não ficam a dever nada aos homens do estrangeiro que cultivam esse genero de literatura.

Alguns jornalistas portugueses — é um caso que toda a gente vê — mesmo a escrever a sério (o que são as coisas do mundo!) não passam de belos humoristas...

Conhecemos um português — humorista de verdade — que, escrevendo ácerca do desporto, tem dado iniludíveis provas de espirito humorista. Queremos referir-nos a Ruy da Cunha, antigo professor de gymnastica e velho atleta, que na seção — *Pode perguntar* — dum jornal da especialidade, se tem affirmado um espirito cheio de graça portugueza.

A provar e que affirmamos, transcreveremos algumas respostas, cheias de verve, de Ruy da Cunha, a interrogações que lhe

dirigem, varios illustres e maduros desconhecidos.

O leitor sabereará...

P. — Porque será que os grupos de Lisboa tem perdido, e por medida grossa, em *foot-ball*, com o *F. C. P.* esta época?

R. — Por delicadesa...

P. — Quem substituirá Cipriano?

R. — Ha uma bicha, á porta, vinda de varios pontos da provincia...

P. — Num desafio de *foot-ball*, efectuado entre o *Atletico Club* do Poço Novo e o *Hockey Club* de Portugal, para disputa da «Taça Vicente Caleia», succede que, quando no final do encontro (aliás depois da hora, pois já passavam 7 minutos), o arbitro, que era o sr. Caleia, discutia com uns cavalheiros que diziam estava na hora, voltou-se de costas para o campo, tendo nessa ocasião o *Hockey* marcado um *goal* (que era o do desempate), não tendo o dito senhor presenciado a jogada, mas, ao ouvir gritar «*Goal!*», validou-o. Pod: qualquer arbitro proceder de igual fórma?

R. — Arbitrar de costas é moda nova e talvez perigosa, no meio de 22 homens que estão a jogar. Pode levar algum empurrão...

Cumprimos a nossa palavra. A graça de Ruy da Cunha, português da gema, não fica a dever nada, quando cotejada, ao bom-humor dos jornalistas desportivos de Espanha.

Os leitores não estão de acórdo?

JONICA.

A retaiamo

Um lavrador de Moncorvo, contratando um homem para aparelhagem e lavagem do seu carro, puxado a gado muar, elucida-o:

— Olhe, quando eu for só no carro, vai só uma besta. Quando eu for com minha mulher, vão duas bestas. Entendeu?

— Sim, meu senhor. Cada pessoa, cada besta. E meninos, não tem?

— Nao. Mas porque faz você essa pergunta?

— E' porque se os tivesse, e fosse algum no carro, era mais uma besta...

Conta um jornal de Madrid que um americano deu-se ao trabalho de coleccionar cintas de charutos, selos, rotulos de garrafas, caixas de fosforos, etc., etc., madureza em que levou o melhor de 30 anos, até que teve ha pouco de mudar de residencia, tendo sido empregadas na mudança 17 camionetas.

João chegou a casa, fora do costume, ás duas da madrugada, perguntando-lhe a esposa o motivo da demora.

— Uma esposa prudente nunca faz perguntas dessas a seu marido.

— Mas os maridos prudentes querem sempre saber todos os passos das esposas.

— Isso nao é bem assim. Um homem prudente não tem esposa...

No Chiado, um medico passeia com um amigo. Proximo deles passa um homem, com um caixão fúnebre aos ombros.

— Olha quem ali vai!

— Quem é? — indaga o medico.

— O enrednador das tuas obras...

Durante uma recente exposiçao futurista em Coimbra, o expositor entregava aos visitantes o seu cartão, que resava assim:

PEDRO OLAIO

Pintor moderno — Expositor
Jornalista — Director de «O Piri-rica»
Dançarino
Sifilitico
e
Doido

Ele: — Escuta-me, querida!
Ela: — Estou farta... (etc., etc., etc.)

Ele: — Se é necessario, mente-me, mas diz-me que gostas de mim!...



Entre amigos:
— Não te cases com ela!
— Mas porquê?
— E' tão velha que, em vez de filhos, dava-te netos!...

ECOS DA SEMANA

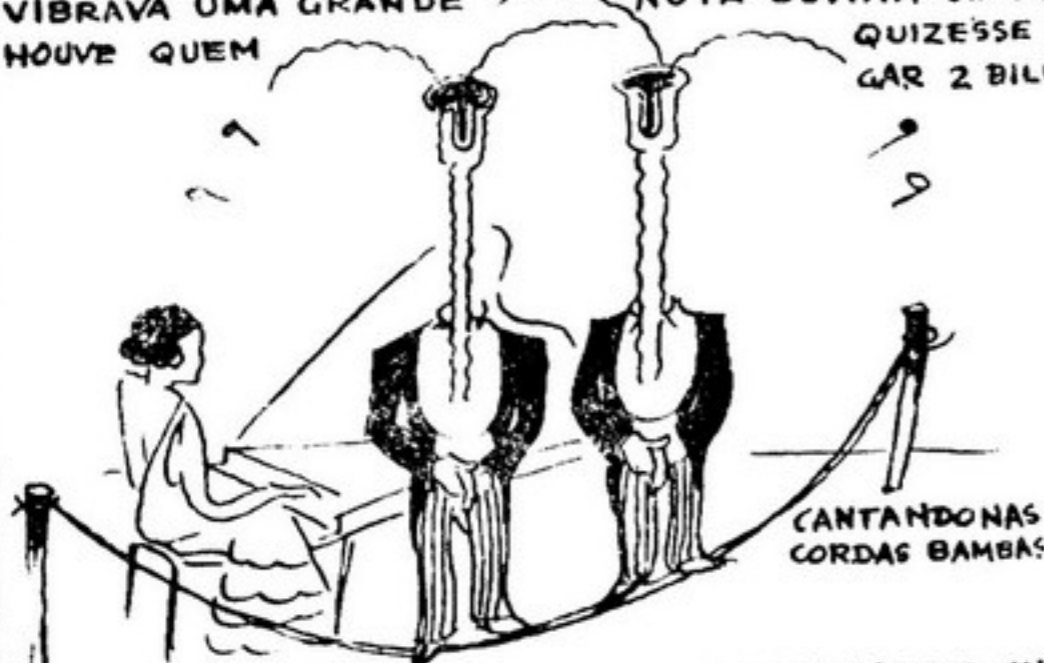
COMO 'PARECEM' MATAR OS POMBINHOS A AVIAÇÃO, ALEM DAS GRANADAS. ARRANJOU POMBOS DE PAPEL PARA ENTRETER OS FURIOSOS



CHEGOU A ESQUADRA E A MARINHAGEM LOGO SE ATRACOU AS VARIAS CLARAS BOIAS.



O FLETA PARECIA DOIS FLETAS A CANTAR POIS QUANDO VIBRAVA UMA GRANDE NOTA OUVIAM-SE DUAS. HOUVE QUEM QUIZESSE PAGAR 2 BILHETES.



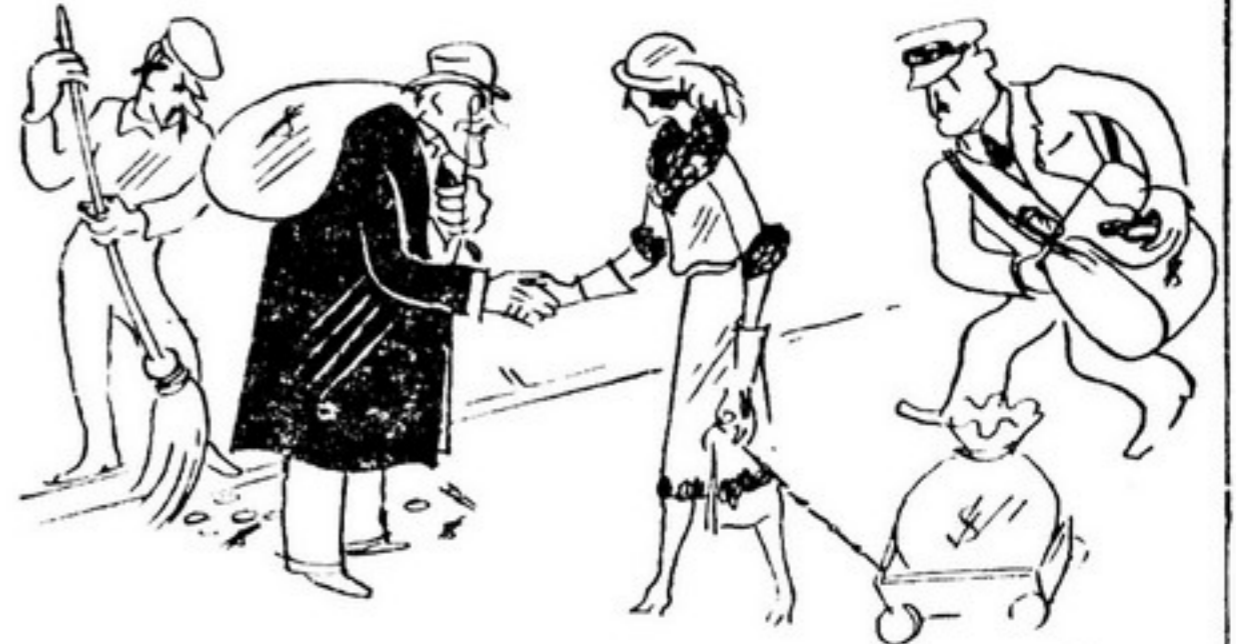
JOHN BULL ESTA' FABRICANDO UMA NOVA MOEDA INTERNACIONAL SO' PARA OS PAISES DO ENTALAO-OURO E QUE SE CHAMARA' LIVRA! (DOS APERTOS)



CHEGARAM A ALDEIA CAMPEA AS ANDORINHAS. A ALDEIA E' CAMPEA MAS ELAS NAO O FORAM MENOS...OU ENTAO JA' NAO REGULAM DA BOLA. DEVE SER INFLUENCIA DO MEIO...



ASPECTO DE LISBOA ALGUNS DIAS APÓS A APLICACAO DAS 15 TONELADAS DE PRATA QUE COMO SABEM E PARA AMOEDAR ... DAR E COMO QUEM DIZ.



ALEXANDRA TRIANTI-CANTORA GREGA QUE NAO DEIXOU NINGUEM GREGO PARA A SENTIR... ERA UMA FADA A CANTAR E FELIZMENTE NAO CANTOU O FADO.



... E ISTO TUDO POR CAUSA DO DUNIKOWSKY QUE ESTA A FAZER OURO DE URINA (VULGO CHICHU) E ETC.

